

AS LEIS DA RESPONSABILIDADE AFETIVA

Lauro Felipe Eusébio¹

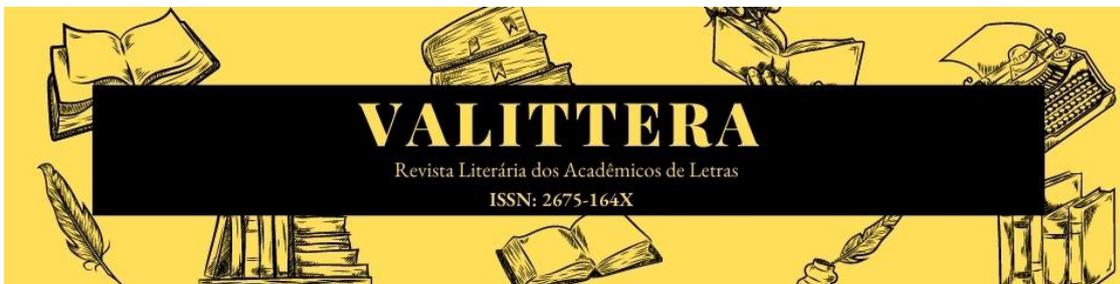
Acordei ao soar da porta batendo. E a porta batendo era o ir de quem bateu pra mim ontem à noite, além de tudo mais, sabia bem. Ele me deixou antes que eu acordasse, não sei que horas da madrugada. Acordei, mas voltei a dormir. Me permiti despertar no fim do sono mesmo, não no fim da tranquilidade. E assim o fiz.

Acordei. De verdade, dessa vez. Fiz café, senti seu cheiro e fui sentar à mesa para tomá-lo na paz de uma manhã – e, como num ritual, a cada golada fazer o exercício da rememoração. Encontrei, na mesa, no entanto, folhas e folhas sobre si mesmas. A coisa parecia contrato, tinha cheiro de contrato, toquei as folhas e senti rugas de contrato, de forma que me apressei a pular para a última delas e lá estava a maldita da minha assinatura. E a dele. E a rememoração veio antes que eu pudesse mesmo tomar a primeira golada de café, veio embrulhando o estômago, veio conectando os neurônios.

E me lembrei. E ao me lembrar desejei.

Desejei que corresse um vento forte pelas janelas que ainda não tinha aberto, que esse vento inundasse os quartos, que fizesse dessas folhas pássaros, que uma criança me socorresse a dobrar esse contrato – aviãozinho de papel por aviãozinho de papel – até que tivesse tudo ido pelos ares. Assinei um contrato. Um contrato de responsabilidade afetiva.

¹ Lauro Eusébio, graduando em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: lauroeusebio@gmail.com.



Queria dizer que ele me enganou, se aproveitou de mim. Mas não foi bem assim, lembro bem do processo.

Estávamos nós, sentados perpendiculares um pro outro numa mesa quadrada, na quinta cerveja e no centésimo primeiro assunto. Tudo corria bem. E eu sabia pra onde corria. Se eu lhe lançava olhares sérios, ele se perguntava se o encararia da mesma forma se. Se ele sorria, eu queria arrancar-lhe o sorriso, trocar pruma sensação mais confusa, inebriada, penosa, divagante, se. Se ele me elogiava, todo elogio era como se tendesse a se. Se. E ele torcia o pescoço. Se. E eu respirava mais fundo. Se. E ele se mostrava envergonhado. Se. E eu tocava suas pernas. Se.

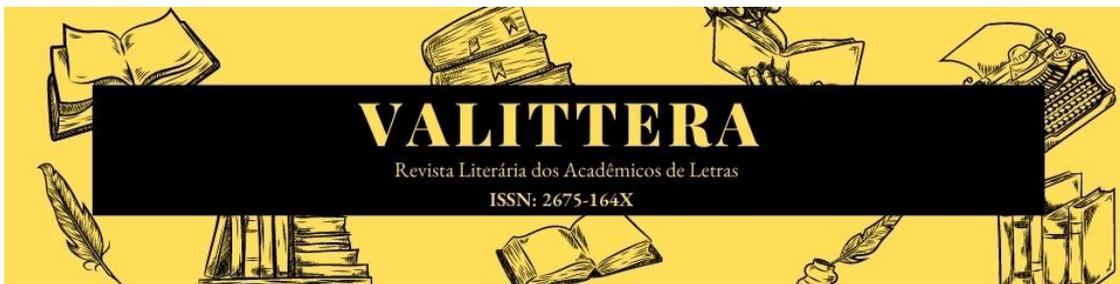
E todo “se” virou ato. Todo ato virou “se”. E se fossemos pra minha casa. E já lá estávamos. E se você me mostrasse seu quarto. E já lá mostrava. E se você me despisse. E se eu te despisse. E se você me olhasse como se fosse seu por hoje. E se você me tratasse como se fosse meu. E se eu me sentisse na ponta da cama, na égide do pico, no cume do penhasco, no fim do desfiladeiro. E se tudo se passasse como tê-lo agora fosse questão de vida ou morte. Se não já pudesse mais voltar. Se vestir minha roupa agora significasse algo como deixar de existir. Se você, nessa hora onde o tempo se perde, me lançasse o contrato. E se dissesse que só se envolvia com quem queria algo sério; que dali só passava se o contrato fosse assinado. E se eu mentisse, se o assinasse. E se você tomasse como verdade, se ratificasse. E se a serpente aparecesse à Eva como um jurista. E se Eva fosse um jovem com muito tesão.

“Leila, assinei um contrato.”

“Como assim assinou um contrato?”

“Assinei um contrato. Tava meio bêbado, não tenho certeza se só de cerveja, mas me lasquei, tá assinadim. Caneta preta e tudo. Ele me deixou um papelzinho escrito que essa era minha cópia, o original já deve tá com selo de cartório e tudo. Ele saiu cedo daqui.”

“Ele? O cara que cê encontrou ontem? Pelo amor de deus não me fala que cê assinou um contrato de responsabilidade afetiva num primeiro encontro.”



“Não te falo. Mas foi isso sim. Tem como cê me ver? Preciso sair dessa.”

“Cê não quer seguir no relacionamento com seu novo marido?”, ouço risos abafados de telefone.

“Que relacionamento, mulher! Que marido? Vi o homem ontem só. Quero nada. Até queria, porque o bichinho é bonito viu – e sabe o que faz. Mas agora que tô obrigado? Nem a pau.”

“Venha as onze, nego. A gente discute no meu intervalo de almoço.”

...

“E aí, qual o tamanho da vala que eu entalei?”

“É um contrato dos bons, viu?! Vocês devem se encontrar por no mínimo mais três semanas, duas vezes por semana, mínimo de duas horas por dia, antes de decidirem se querem continuar ou não se encontrando. E só no quinto encontro a partir do próximo vocês podem transar. Qualquer atraso, sumiço ou desmarcação dos encontros acrescenta mais um dia pra poderem se decidir.”

“E se eu quiser pedir a anulação do contrato?”

“Quebra de contrato tá previsto com multa de doze mil reais, divulgação do seu nome na lista pública de pessoas-sem-responsabilidade-afetiva por um ano e proibição da sua entrada nos prédios, cinemas e praças costumeiramente usados pra primeiros encontros por três meses.”

“E os m...”

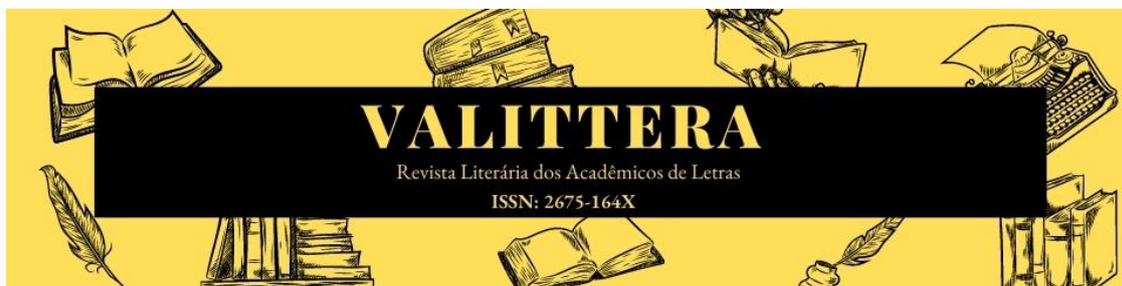
“Sim, os motéis também tão proibidos.”

“Ô desgraça de responsabilidade afetiva.”

“Cê não aprende, né? Dois anos nessa lista, aí quando volta a poder namorar, apronta essa.”

E a lembrança veio antes que eu pudesse responder usando o mesmo tom ácido com que ela me dirigia, veio embrulhando o estômago, veio conectando os neurônios.

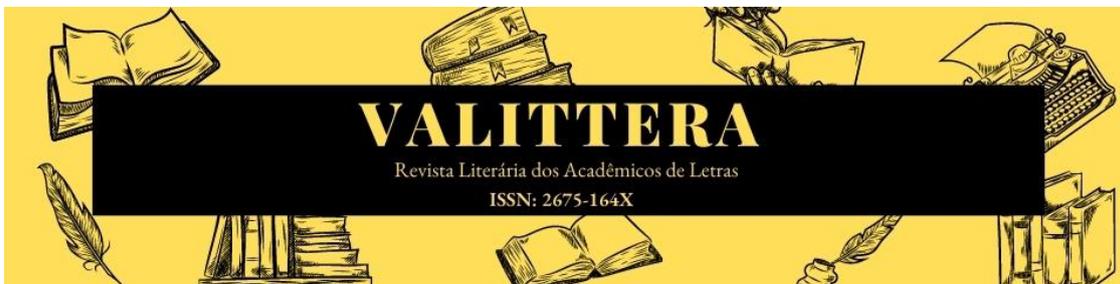
E me lembrei. E ao me lembrar desejei.



Desejei voltar no tempo e não ter nada do que me lembrar. Não ter que saber que duas semanas antes de casar, cerca de dois anos atrás, o céu parecia se abrir e cair. Tudo tinha ares de cansaço. As nuvens andavam arrastadas pelo céu, não flutuavam. Os cachorros estavam todos acanhados pelas ruas. Os pajés, Atlas ou sei lá quem se cansou de segurar a abóbada terrestre. Sísifo, cansado de subir morro, pegou a pedra e arremessou lá de cima direto na minha cuca. Saci, cansado de sumir em redemoinho, escondeu a ventania dentro da minha cabeça. E eu disse que não podia mais ficar com ele. E ele, que há pouco me chamava de seu, se perguntava os motivos. E eu não conseguia dá-los. Não sabia o que dizer, nem como bem dizer o que sabia. Não sabia como me sentir além de como me sentia e só me sentia como se precisasse ir embora, e só dizia mesmo isso: que precisava ir embora. E fui.

É o trajeto de rememorar, todas as manhãs com goles de café, que me possibilita ordenar melhor os pensamentos e sentimentos que me permeavam naquele momento – ou entendê-los na sua desordem. Não acabei de desvelá-los. Não sei se acabarei um dia. Rememorarei até que o sentido do que senti, talvez, seja pra mim nada do que foi realmente sentido. Talvez se torne o oposto: fui embora porque queria ficar. Talvez o sentido do que senti se torne algo sem sentido: fui embora porque o dia estava muito quente e eu havia comido maçã e, em dias quentes, quando se come maçã, tem de se terminar um relacionamento de longa data.

Fato é que as leis diziam rigorosamente que se deve manter uma comunicação clara e direta; que não se pode terminar do nada, quando meia hora atrás se dizia amar a pessoa e quando no dia anterior estava-se escolhendo o sabor de um bolo de casamento. E, conquanto ele ainda me amava, e conquanto era um homem tão doce – e homens amargos adoram café doce –, ele não quis me processar, mesmo sendo causa ganha. O Ministério Público o fez, no entanto. A Leila, boa advogada que é, conseguiu que eu não tivesse que pagar nada, mas apenas ficar na lista de pessoas-sem-responsabilidade-afetiva por uns anos e impedido de entrar em alguns lugares. Suportamos bem. Eu, meu café e a rememoração matinal.



Está mais que explícito, não lido bem com as leis da responsabilidade afetiva (nem, com efeito, com qualquer coisa que institua formas gerais de como deveria ser um relacionamento), mas queria o fazer. O problema é que o mundo não se dobra à minha vontade e eu sou irremediavelmente tão parte do mundo quanto sou de mim mesmo: eu não me dobro à minha vontade. Eu quero, mas o mundo, que é parte eu, quer outro que não isto. O mundo quer, mas eu, que sou parte do mundo, quero outro. Como pasquins colados à porta de madrugada, quando o que todo mundo dizia conhecer – seu desejo – se revela pela luz do sol, mesmo que ainda enuviado pela cerração baixa da manhã, salve-se quem puder: gatilhos serão pressionados; balas serão disparadas; tiros serão acertados. Pelas forças inconscientes que regem a madrugada, as goladas de café, os dias quentes e as maçãs, tanto eu quanto o mundo sempre amanhecemos radicalmente diferentes do que dormimos.

“E se eu ligar pra ele, dizer que não deveria ter assinado, pedir desculpas e conversar sobre anular o contrato? Dizer que estou disposto a negociar o valor de uma indenização, caso ele queira?”

“Talvez seja a melhor das alternativas. Isso parece comunicação clara e direta sobre a forma como você se sente, hein?! Será que cê tá aprendendo a ter responsabilidade afetiva?”

“Tô nada, boba! Comunicação clara e direta de sentimentos turvos nunca é clara e muito menos direta. Veja, vamos resolver esse último embrulho que, depois dele, só namoro ilegalmente. Vai ser truque de mágica: apareceu contrato, desapareceu eu.”